

PROPOSTA PARA MELHORIA DA EXPRESSÃO ORAL DO ALUNO DO CEFET-PB

Maria do Socorro Burity Dialectaquiz
Maria do Socorro C. Alves M. Vieira
Maria Elisabet Vieira Fernandes Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
Av. 1º de maio, 720 – Jaguaribe
58.015-430 – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de melhoria da expressão oral do aluno da área tecnológica visando a sua inserção no mundo sócio-econômico, dentro das novas perspectivas da comunicação.

Palavras-chave: Língua Portuguesa / Oralidade / Estímulo

Introdução

“Pela linguagem o individuo exprime sua existência, seus sentimentos, suas opiniões, sua maneira de estar no mundo. Falar é se afirmar perante os outros. É também manifestar seu domínio sobre as coisas pela nomeação. É a fala que permite organizar o universo pela distinção e pela classificação de seus elementos. Ela fixa o saber na memória e o torna maneável e utilizável”.

VANOYE, Francis

“O Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba tem, através de seu paradigma educacional, a finalidade precípua de proporcionar a formação integral de seus educandos, considerando-se o dinamismo do mercado de trabalho, ofertando profissionais habilitados e devidamente capacitados para resolverem problemas e dominarem processos relativos ao seu desempenho, bem como cidadãos capazes de intervir e contribuir para o desenvolvimento econômicos e social de nosso país.”

Partindo dessa missão, o papel do professor de Língua Portuguesa do CEFET-PB toma novo direcionamento, uma vez que se faz necessária a mudança da antiga visão do simples transmissor de conhecimentos para o orientador e incentivador do jovem participativo e consciente de sua responsabilidade como agente de transformação em seu meio.

O jovem egresso do CEFET-PB é, reconhecidamente, bem preparado para o exercício de uma profissão; porém com numerosas dificuldades para comunicar com objetividade, precisão e clareza suas idéias. Apesar de ter recebido na sua orientação para o mundo do trabalho, o essencial ao saber, ao fazer e ao como fazer, sente-se inibido no momento em que é solicitado a descrever oralmente os processos.

Este fato não só tem sido constatado pelo professor em sala de aula. Eles próprios reconhecem ter dificuldade em expressar-se oralmente sobretudo nas entrevistas a que se submetem junto às Empresas em que realizam o Estágio Curricular.

1. Considerações Sobre a Expressão Oral

1.1 Uma Visão da Comunicação Humana

Começamos por esboçar uma visão da comunicação humana, a partir da sua própria definição. Em geral, o termo comunicação é constantemente usado para determinar a troca de informações ou de idéias entre os seres humanos que desejam expressar seus sentimentos e opiniões.

Através de diferentes canais, como um simples aceno de mão, ou discursos altamente elaborados, o homem vai trocando informações ora na sua própria comunidade lingüística onde divide o mesmo código, ora em outros centros em que ele aprende a usar um código alvo. O que importa, na verdade, é que o homem, pela sua própria natureza, aprende desde cedo a utilizar códigos para obter algo que deseje ou mostrar seus pontos de vista.

A comunicação é um aspecto inerente ao ser humano. Nascemos com a capacidade inata, ressaltada por Noam Chomsky para usar a linguagem e, conseqüentemente, interagir em nossas comunidades que, em princípio, resume-se à família e, posteriormente, vai-se ampliando até grupos sociais mais elaborados.

A criança mostra seus primeiros desejos através de sons que, progressivamente, vão-se aperfeiçoando e mais ou menos aos sete anos, está com a sua capacidade comunicativa basicamente formada de modo que, a partir daí resta-lhe o polimento dessas estruturas já apreendidas e o alargamento do vocabulário adquirido nessa fase.

A fala, muito antes da escrita, é uma das primeiras formas utilizadas pelo homem para interagir com seu semelhante. É, sobretudo, uma necessidade vital humana da qual, segundo especialistas, não poderá ser privado porque a impossibilidade da comunicação poderá levá-lo a um estado de profunda depressão.

De acordo com alguns estudos antropológicos que observam o sistema interacional do homem e, ainda, por contribuições da psicologia, verifica-se que a comunicação humana envolve dois lados da nossa natureza – o intelectual e o emocional.

O lado intelectual é ativado quando o homem usa, ordenadamente, uma seqüência de signos lingüísticos, enquanto o lado emocional é ativado por um simples aperto de mãos ou um movimento de olhos, desencadeando uma interação entre os actantes de um sistema.

Segundo Grice, filósofo americano, todo esse uso da linguagem, deve sempre ser precedido de certos cuidados, respeitando-se algumas máximas:

- a) máxima de quantidade: o montante máximo necessário de informações; não dizer mais nem menos;
- b) máxima de qualidade: faz da comunicação a mais verdadeira possível;
- c) máxima de relação: dizer somente o que é relevante;
- d) máxima de maneira: evita obscuridade e ambigüidade.

A expressão oral tem sido, no decorrer dos tempos, objeto de estudo de muitos pesquisadores e, ao contrário do que afirmam os gramáticos puristas, é nessa modalidade que se concretiza a língua, merecendo, assim, ser vista com seriedade e estudada com tanto ou maior cuidado, quanto se faz com a escrita, cujo prestígio é inegável, entretanto não há relato de culturas em que não se use antes de tudo a fala como primeira forma de comunicação. O uso da fala é universal e independe do grau de desenvolvimento da comunidade que a utiliza.

Se usamos tão freqüentemente a fala, questiona-se o porquê de sua não valorização, em especial, nas escolas em que notoriamente a escrita é excessivamente exercida, corrigida, solicitada, enquanto a expressão oral é esquecida, negligenciada como afirma Genovier e Peytard:

“O aspecto oral da língua é esquecido ou negligenciado em todos os níveis do nosso ensino. Qualquer que seja o papel do escrito, a língua oral continua presente de maneira permanente como referência necessária. Com efeito o aluno só compreende o que lê pelo fato de que reencotra, falando a leitura, a língua que usa”.

Genovier e Peytard, nos seus estudos, enfatizam o aspecto oral da linguagem, reiteram a importância desta para a escrita, à qual serve-lhe de referência.

1.2 A Expressão Oral e a sua Adequação Situacional

A língua falada tem características que a diferem da escrita. A mensagem é transmitida de forma imediata, é breve e a ela é permitido o emprego de elementos prosódicos, como entonação, pausa, ritmo e gestos, cada um deles exercendo uma força ilocucional dentro da cadeia, na qual o falante está inserido.

Assim, esses elementos fazem parte da intenção do falante em persuadir, conquistar, informar o outro sujeito-interlocutor.

Outro aspecto peculiar da fala é, exceto em situações especiais, o emprego de construções simples com ênfase para orações coordenadas. Admite-se ainda a presença de frases incompletas como: o quê? foi? tá? né? não? entre outras.

Vê-se, pela nossa própria experiência do uso da língua, as muitas diferenças entre as expressões oral e escrita.

Ao examinarem-se as características de cada uma dessas duas formas de expressão, tornam-se patentes essas diferenças, entretanto, em nenhum momento ficou determinado que a expressão oral devêsse ser descuidada. A fala, como primeira forma de comunicação, deverá caminhar paralela à escrita, não significando, necessariamente, a obediência total às normas gramaticais, ou a perda da espontaneidade, traço inerente à fala.

É importante porém que se leve em consideração o conhecimento vocabular pressuposto a cada grupo lingüístico de níveis culturais os mais diversos com que se pretenda manter uma comunicação.

Luft, em *Língua e Literatura*, ressalta que “... não haverá língua escrita se primeiro não houver a língua falada. A escrita é um sinal secundário: representa imperfeitamente a fala que por sua vez representa o pensamento”.

Não é incomum nas nossas escolas tradicionais e ingênuas, no tocante ao ensino da língua, manterem o pressuposto de que “o aluno não sabe português”, o que leva o professor a concentrar-se na escrita, aparentando, assim, o desconhecimento da capacidade nata da linguagem evidenciada por Chomsky.

2. Para um Programa de Estímulo à Expressão Oral

2.1 O Ensino da Língua Portuguesa no CEFET-PB

O CEFET-PB, devido a sua história de formador de mão-de-obra especializada para atender ao mercado de trabalho priorizou o ensino das disciplinas técnicas. A forma de ensino da Língua Portuguesa enveredou pela leitura e escrita, o que incontestavelmente é válido, uma vez que ao ler, o aluno torna-se capaz de interpretar, alargando seus horizontes. No entanto, falta-lhe um estímulo à expressão oral, dada a excessiva valorização da língua escrita, por entender-se que a tarefa reservada à escola é tão somente ensinar o aluno a ler e escrever, desprezando-se a modalidade oral, cuja utilização é superior à escrita.

A partir de “queixas” de alunos, no que tange às dificuldades que sentem em se expressar oralmente, sintetizando-se em: “professora, eu sei fazer, mas não sei dizer como fazer”, passamos a reavaliar, junto aos professores da área, a metodologia utilizada até então no ensino da Língua Portuguesa, para em seguida, propormos novas técnicas e atividades que certamente contribuirão para desenvolver no aluno a sua capacidade de se comunicar através da fala.

2.2 Exercícios Propostos

- ⇒ Apresentação de temas que ensejem debates em sala de aula ou em outro ambiente que se julgue apropriado.
- ⇒ Representação, pelos alunos, de personagens retiradas de textos por eles produzidos, ou de outros autores que se prestem para a realização do que se propõe.
- ⇒ Leitura e interpretação oral de textos literários, jornalísticos, de revistas entre outros.
- ⇒ Edição de um telejornal, que deverá ser apresentado no circuito fechado do CEFET-PB, constante de entrevistas que envolvam professores, alunos, pessoal técnico-administrativo, dirigentes etc.... além de notícias que interessem à comunidade escolar.
- ⇒ Realização de freqüentes seminários, com a participação do professor, constando, além de outros, de temas concernentes ao conteúdo programático relativos à série em questão.

Desta forma, o aluno terá oportunidade de exteriorizar o seu espírito de liderança, fator essencial para a obtenção de sucesso no mundo social e do trabalho.

3. Considerações Finais

Se quisermos cidadãos participativos e que interfiram nos processos decisórios da comunidade faz-se mister prepará-los para terem argumentos consistentes desenvolvendo, ao lado da escrita, a expressão oral.

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas tem quase sempre dado ênfase só à escrita, relevando a expressão oral, base primeira da comunicação humana.

A escola parece desprezar, ingenuamente, a bagagem trazida pelo aluno numa espécie de pré-concepção – “alunos não sabem português”.

Quando se atenta para essa bagagem natural, descobre-se que esses alunos possuem imagens, representações, têm idéias fartas, mas sentem dificuldades, bloqueadas por inúmeros problemas de transfigurações, provenientes da carência de estímulos.

Sem dúvida, o ensino da gramática é necessário principalmente por ser a escrita a modalidade de maior prestígio social, entretanto é através da fala que se concretiza a língua. Por isso no momento em que os meios de comunicação se alargam é imperiosa a consolidação da oralidade como mecanismo eficaz para o desenvolvimento da comunicabilidade.

4. Bibliografia

- [1] BECHARA, Evanildo. Ensino da Gramática – Opressão? Liberdade? 1ª Edição. São Paulo: Ática, 1979.

- [2] CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Manual de Expressão Oral e Escrita. 6ª Edição. Vozes, 1981.
- [3] CASACU, Tatiana Slama. Psicolinguística aplicada ao ensino de Línguas. Livraria Pioneira. São Paulo, 1979.
- [4] DIMBLY, Richard. Mais do que Palavras – uma introdução à Comunicação. São Paulo. Summus, 1990.
- [5] KOCH, Ingedore Villaca in: Interrelação pela linguagem. Ed. Contexto. p. 27–28.
- [6] KURY, Adriano da Gama. Para Falar e Escrever Melhor o Português. 3ª Edição. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1989.
- [7] LUFT, Celso Pedro. Por uma nova concepção da Língua Materna. Porto alegre. L&PM, 1985.
- [8] TARGINO, Regina Rodriguez Botto. Metodologia do Trabalho Científico. Documento n.º 11. UFPB. João Pessoa. 1995.
- [9] VANOYE, Francis in Usos da Linguagem Problemas e técnicas na produção oral e escrita. Ed. Martins Fontes. p. 274.